

MÃE ILZA: A MÃE DO DILAZENZE¹

Entrevistador – *A senhora é uma pessoa iniciada no culto do candomblé. Quais são as suas origens?*

Mãe Ilza – Meu nome civil é Ilza Rodrigues Pereira dos Santos. Minha dijina, isto é, meu nome de iniciada, é Mukalê. No candomblé, minhas raízes estão ligadas a Maria Jenoveva do Bonfim, conhecida por Maria Neném, cuja dijina era Tuenda de Zambi Apongo, cabeça de Omolu, do Terreiro Tombenci, em Salvador. Ela era mãe-de-santo de Marcelina Plácida, conhecida por D. Maçu, cuja dijina era Kizunguirá, cabeça de Xangô. Ela foi mãe-de-santo de Izabel Rodrigues Pereira, conhecida por Mãe Roxa, cuja dijina era Banda Nelunga, cabeça de Nanã, de quem sou filha natural. Mas eu fui iniciada também por Mãe Maçu, quando eu ainda era menina.

Fui iniciada na *nação* Angola, que é uma *nação* que conserva muitos valores africanos. Exemplo disso são as folhas. A gente tem muito respeito pelas folhas, as *insabas*. Se fosse por minha vontade, eu teria sido iniciada na *nação* Ketu, pois meu orixá é de origem Ketu. O nome dela é Euá. Meu orixá é Euá; não é Iansã. É Euá Matamba. Mas eu fui iniciada na *nação* Angola. Isso, na época, rendeu uma polêmica muito grande entre minha mãe, Maçu, e o pessoal de outros terreiros, em Salvador, porque Mãe Maçu decidiu fazer meu santo na *nação* Angola, enquanto que Euá é orixá nagô. Eu amo a *nação* Angola, por tudo aquilo que ela tem: os *inkices*, as *zuelas*, a dança, as oferendas, os fundamentos, os rituais, o sentimento de pertencimento a uma família.

Entrevistador – *Por que a senhora resolveu ser uma pessoa do candomblé?*

Mãe Ilza – Eu já nasci dentro do candomblé. Minha mãe foi minha antecessora neste terreiro e sempre tive a tendência para as coisas do terreiro. Fiz santo com sete anos de idade. Em criança, eu já acompanhava minha mãe nas *obrigações*. Em tudo que ela fazia, eu estava perto dela. Nas festas, eu queria dançar, me trajar com vestes do ritual. É tanto que, quando eu cresci, minha mãe ficou no hábito de que ninguém vinha abrir o terreiro, a não ser eu.

Tenho 60 anos de iniciada. Hoje sou uma *mameto de inkice*, isto é, uma mãe-de-santo. Muitas de minhas filhas de santo são de longe: São Paulo, Paraná, Minas-Gerais. Elas vêm, fazem suas *obrigações* e voltam. Vêm de ano em ano, nas épocas das festas, dependendo das condições de trabalho. Há também as filhas que moram aqui mesmo. Em Salvador, tem muitas filhas de santo nossas e ainda tem aquelas que foram feitas por minha mãe e que resolveram me acompanhar.

Entrevistador – *Então a senhora deve ter muito que contar sobre sua vida neste terreiro...*

Mãe Ilza – Essa casa tem muita história. Uma delas é em relação a mim e a meu *inkice*. O fato de eu assumir a direção do terreiro, quando Mãe Roxa

¹ Este texto é o registro da entrevista que a equipe do Kâwé realizou com Mãe Ilza, em nove de abril de 2.002, para coleta de dados. Naquela época, faziam parte da equipe: Ruy Póvoas, Raimunda Silva d'Alencar, Marlúcia Mendes da Rocha e Valéria Amim. A proposta do Kâwé era fazer um mapeamento dos terreiros de Ilhéus e Itabuna, cujos resultados seriam publicados na **Revista Kâwé**.

faleceu, em 1.973, foi algo, assim, muito complicado. Quando eu fiz santo, minha mãe pediu a minha mãe-de-santo que, depois de minha feitura, ela suspendesse a minha santa. Ela receberia meu santo em meu lugar, pois eu seria confirmada para mãe-pequena da casa e não poderia virar no santo. Se ela e eu virássemos no santo, não tinha quem tomasse conta da casa. Era um segredo entre elas duas: Mãe Maçu e Mãe Roxa. Esse segredo só iria ser desvendado, quando minha mãe estivesse velhinha ou quando Deus a chamasse. Aconteceu que Mãe Roxa se foi e Mãe Maçu, na ocasião dos rituais fúnebres de Mãe Roxa, revelou esse segredo aos demais componentes do terreiro. Ela fez uma reunião com o pessoal da casa, os ogãs, os mais-velhos e os meus irmãos de santo. Ela jogou os búzios 21 vezes. Toda vez que ela jogava, olhava pra mim. Quando foi na última jogada, ela falou: “Gente, eu tenho uma revelação a fazer. A partir desse momento, quem vai dirigir o terreiro Tombenci Neto é Mukalê.” Mukalê é o meu nome de iniciada. Quando ela disse assim, todo mundo pulou contente, mas eu tremia e chorava muito.

Entrevistador – *Qual a causa do choro? A senhora não queria assumir o cargo?*

Mãe Ilza – Não é que eu não quisesse, mas porque, para mim, minha mãe era primeira sem segunda. A responsabilidade era demais e eu estava casada, com filhos, um monte de crianças. A partir desse momento, começou o meu martírio no casamento. Meu marido, muito ciumento, não queria que eu aceitasse o cargo. Nossa convivência se tornou impossível, até que nos separamos. Minha filha mais nova estava recém-nascida. Fiquei só, com 14 filhos para criar. O marido tirou tudo de mim, até o INSS, mas eu não abri mão do cargo que recebi. Meu pai, do meu lado, me dava força. Foi com quem eu contei enquanto ele foi vivo. Hoje, estou num mar de rosas, mas a luta foi muito árdua.

Hoje, os filhos têm contato com ele. Ele ainda sofre por ter tomado essa decisão. Na última vez em que ele esteve aqui, reuniu os filhos, pediu desculpas pelas coisas que fez e disse estar arrependido, que ele não pensou nas conseqüências que poderia causar. Alguns dos filhos perdoaram; outros não. E ele sofre com isso, até hoje. E eu nunca joguei nenhum dos meus filhos contra o pai.

Tomei conta da parte do santo dele, de axé. Ogum, o santo dele, ficou comigo até há pouco tempo, quando ele veio buscar. Ele constituiu nova família, com mais quatro filhos. Até hoje, nas minhas orações, eu peço muito por ele, peço a Deus e aos *inkices*.

Entrevistador – *Por que este terreiro tem o nome de Tombenci Neto?*

Mãe Ilza – A história do terreiro tem duas linhas. Por um lado, o nome vem da descendência de Tombenci e tem origem na *nação* Angola. Nossa avó de santo foi Maria Neném, nascida em 1865 e falecida em 1945. Ela era filha de santo do africano Roberto Barros Reis. Ele recebeu este sobrenome porque foi escravo da família Barros Reis. Em data desconhecida, Maria Neném abriu o Terreiro Tombenci no bairro do Beiru, em Salvador. Mais tarde, o terreiro se mudou para outros bairros, até que se fixou no bairro de Engomadeira. Ficava num lugar denominado Caxundé. A nossa mãe-de-santo era Mãe Maçu, cabeça de Xangô, conforme eu já disse, filha de santo de Maria Neném. E foi mãe-de-santo de minha mãe, que era conhecida por Mãe Roxa. Em Ilhéus, o

nosso terreiro foi o primeiro a iniciar *iaô*. Mãe Roxa estava começando suas atividades e Mãe Maçu passou três anos viajando entre Salvador e Ilhéus. Houve uma ocasião em que ela passou dois anos aqui, na roça do candomblé, fazendo as obrigações de todos da minha família. Nessa ocasião, Mãe Roxa foi iniciada. Hoje, já está tudo modificado. Aqui era uma chácara enorme.

O outro lado da história é que, segundo alguns documentos que foram levantados pelos pesquisadores Ana Cláudia e Márcio Goldman, da Universidade do Rio de Janeiro, este terreiro teve início em 1885. Foi quando Tiodolina Félix Rodrigues, lakidu, abriu, em uma localidade denominada Catongo, em Ilhéus, o candomblé chamado Aldeia de Angorô. Ela ficou à frente desse terreiro até 1914, ano de sua morte.

Ao tempo de funcionamento do Tombenci Neto nesta chácara, deve-se acrescentar o tempo em que o terreiro funcionou no Catongo, com lakidu, e o tempo em que funcionou com Tio Euzébio, Bombé, em Ilhéus, antes de minha família conhecer Mãe Maçu. Acontece que Mãe Roxa foi iniciada por Mãe Maçu, que herdou o cargo de Maria Neném. Aí, Mãe Roxa pôs o nome de Terreiro de Senhora Sant'Ana Tombenci Neto ao terreiro que já existia desde o tempo de lakidu, que passou para Tio Eusébio e depois para ela. Desse ponto de vista, o terreiro já tem mais de 120 anos.

Não há registro de quando foi fundado o Terreiro Tombenci, em Salvador. Sabe-se que foi fundado por Maria Neném, a primeira negra a ter um terreiro da *nação* Angola em Salvador. Depois dela, veio Mãe Maçu. A gente tentou pegar o depoimento das pessoas mais velhas, mas eram pessoas muito fechadas. Muitas não queriam e não querem falar sobre o assunto e os mais antigos já morreram.

Entrevistador – *Então a origem do Tombenci Neto ultrapassa as ligações com Maria Neném?*

Mãe Ilza – Na verdade, minha família materna, a família Rodrigues, iniciou suas atividades na religião do candomblé muito antes de conhecer o Tombenci de Salvador. Começou com Teodolina Félix Rodrigues, cuja dijina era lakidu, cabeça de Angorô, que foi minha avó materna. Depois, com a morte de lakidu, o cargo passou para um tio meu, Eusébio Félix Rodrigues, irmão de Mãe Roxa, cuja dijina era Bombé, cabeça de Nkoce Mukumbe. Quando ele faleceu, o cargo passou para Mãe Roxa, que era minha mãe natural. E chega até agora, com a geração que está sendo dirigida por mim. No tempo de Tio Eusébio, a história que se iniciou com lakidu se cruzou com a história de Hipólito Reis, conhecido por Dilazenze Malungo. Era um africano que veio a ser pai-de-santo de Tio Eusébio. Ambos passaram a visitar Ilhéus com frequência e Tio Euzébio, continuando o trabalho de sua mãe Tiodolina, fundou, nessa cidade, em 1915, o Terreiro de Roxo Mucumbe. Ele governou esse terreiro até 1941, o ano de sua morte. Em suas frequentes visitas a Ilhéus, Hipólito Reis começou os rituais de iniciação de Mãe Roxa, mas ele faleceu antes de completar as obrigações. Foi através dele que minha família tomou contato com Mãe Maçu, que era de Salvador. Foi ela quem fez o santo de Mãe Roxa. Mas o tempo de fundação que consideramos é aquele que começa com lakidu, e isso já tem mais de 120 anos. Antes de conhecermos Mãe Maçu, a nossa família já cultuava os *inkices*, já tinha esse caminho herdado da nossa avó lakidu. Foi ela quem deu o primeiro pontapé nessa história da formação religiosa dos seus filhos. A gente herdou.

Entrevistador – *E quanto a este espaço, onde hoje funciona o Tombenci Neto, há quanto tempo vocês estão aqui?*

Mãe Ilza – Nesta roça, estamos aqui, desde 1946. Foi Mãe Roxa quem adquiriu o terreno. Era uma chácara, que ela comprou na mão de Dr. Farias. Antes, nós morávamos no Largo da Conquista. Mas a história tem início desde o tempo em que lakidu trabalhava no Catongo.

Este terreiro, o Tombenci Neto, é o mesmo terreiro de minha família materna. De início, funcionou em vários lugares. Começou com Teodolina lakidu, funcionava num local chamado Catongo. Esse lugar ficava para as bandas do Rio do Engenho. Era lá onde a minha avó vivia. Na época, ela chamava *aldeia*, não chamava terreiro. E nessa *aldeia*, ela acolhia escravos fugidos. Então, ela trabalhava no candomblé, nesse lugar. Os descendentes trouxeram a *aldeia* para a cidade de Ilhéus, mas aí já era denominado terreiro. Na época do nosso tio Bombé, o terreiro funcionava na Ladeira do Jacaré, aqui, em Ilhéus. Ainda existem pessoas vivas, com cento e poucos anos, da época de meu tio Bombé.

Entrevistador – *Que importância teve seu tio Eusébio para o desenvolvimento deste terreiro?*

Mãe Ilza – Tio Eusébio, Bombé, foi um exemplo de resistência. Naquela época, a polícia perseguia muito os terreiros. Então, não se podia tocar atabaque, porque a polícia entrava quebrando tudo e prendia as pessoas. Os terreiros eram considerados casas de diversão noturna pelos brancos. Era preciso pagar licença à Polícia para celebrar os rituais. Havia toda essa perseguição, mas Tio Eusébio não deixava de cumprir com as obrigações, de cultuar os *inkices*. O cargo foi herdado de lakidu, que era mãe dele e o terreiro ficava localizado na Ladeira do Jacaré. Ele tinha hotéis em Salvador, mas quando vinha a Ilhéus, minha mãe trabalhava com ele nesse terreiro. Mas naquele tempo, ela era ainda uma abiã. Ele viajava muito, tinha filho de santo em Alexandria, Ferradas, Piranji, Palestina, Santa Luzia. Hoje, esses lugares viraram cidades e têm outros nomes. Piranji é Itajuípe, Palestina é Ibicaraí. Ele foi o responsável pela sobrevivência da herança africana de lakidu, das origens e raízes deste terreiro.

Quando tio Eusébio morreu, uma de suas filhas destruiu muitos documentos, por não valorizar e não saber do que se tratava. Achou que eram simples anotações. Uma irmã minha viu no lixo muita coisa e conheceu a letra dele. Entre as coisas que a gente conseguiu recuperar estavam as licenças da Polícia, que ele tinha para funcionar o terreiro, desde o início das atividades. Além disso, a gente conseguiu levantar várias anotações escritas à mão. Mas ele tinha uma letra complicada de se ler. Escrevia mal, mas anotava tudo. Até dos animais que havia no terreiro, ele anotava o dia que em que davam cria. Já havia muito material entrando em decomposição. Foi aí que Márcio Goldman, através da Universidade do Rio de Janeiro, recolheu todo esse material e conseguiu financiamento para recuperar as fotos, através de um projeto de pesquisa. Pena que muita coisa se perdeu depois da morte de meu tio.

Entrevistador – *Atualmente, existem pessoas do terreiro preocupadas com o resgate desta história?*

Mãe Ilza – Agora, a nova geração do Tombenci Neto está trabalhando no sentido de resgatar essa história. A gente já esteve em Salvador também, procurando pessoas mais velhas. Mas é complicado conseguir informação. Eles não querem receber as pessoas. Isso cria uma série de dificuldades para resgatar a história, as origens, as datas, os nomes. Muitas vezes, as histórias ficam incompletas, justamente por essas pessoas não quererem falar. A própria Mãe Maçu mesmo, ela já estava bem velhinha, a gente tentou conseguir alguma coisa com ela e ela venceu a gente pelo cansaço. Começava a contar umas histórias, mas o que a gente queria mesmo ela nunca informava. E assim existe pouca coisa publicada sobre o candomblé de Angola. O candomblé nagô é bastante pesquisado, mas sobre o de Angola existe pouca pesquisa. Talvez, porque as pessoas são muito fechadas, guardam tudo até morrer e não se abrem.

Entrevistador – *Quais os orixás que são cultuados no Tombenci Neto?*

Mãe Ilza – Nós cultuamos os *inkices*, o que corresponde a orixás reverenciados do nagô. Aqui no terreiro são cultuados Nanã, que era o *inkice* de Mãe Roxa. Todos os anos, no dia 26 de julho, eu faço as obrigações. Depois, no dia 4 de dezembro, festejamos a santa de minha tia. Em 13 de dezembro, eu comemoro a minha santa. Em 24 de agosto, comemoramos Angorô. Em 30 de setembro, é o amalá de Xangô. Além disso, há as *obrigações* internas: 16 de agosto, Omolu e Obaluaiê que a gente não pode ficar sem eles.

Entrevistador – *Existe alguma comemoração de caráter civil preservada no terreiro?*

Mãe Ilza – Quando Mãe Roxa era viva, o aniversário dela abalava a cidade. Zé Tiro Seco, um locutor que tinha um programa de rádio, animava de manhã cedo. Todo ano, no dia dois de setembro, ela recebia os parabéns através do programa do rádio. Nesse dia, a orquestra Itamarati, do finado Chico Carapeba, que era também ogã daqui, do terreiro, tocava na festa do aniversário de Mãe Roxa. E os homens só entravam trajados de paletó e gravata. O caramanchão ficava cheio. O pessoal corria em busca de paletó, porque só entrava na festa com traje formal. Era uma forma do terreiro se impor diante da sociedade branca. Mãe Roxa podia muito bem fazer o aniversário dela à moda do terreiro, mas aquilo – hoje a gente entende – era uma forma do terreiro se impor diante dos brancos. Então, vinha todo mundo de paletó e, quando dava meia noite, ela dançava valsa com meu pai. Depois, todos os convidados dançavam e, durante o dia, todo mundo botava música para ela. Havia até uma competição no programa de aniversário do rádio e premiavam o aniversariante que mais recebesse parabéns. Mãe Roxa ganhava todo ano, no aniversário, o número maior de parabéns. Mas tudo isso acabou.

Entrevistador – *Como se dá o sustento do terreiro?*

Mãe Ilza – Quanto à relação dos filhos-de-santo com a casa, eles colaboram com as festas. Sobre recursos, a contribuição dos filhos de santo aqui é muito pouca. Eu não sei se, talvez, por uma *quizila* do tempo da minha mãe. Não sei. A gente ainda tem a maioria dos filhos-de-santo tudo humilde, que eu ajudo. E a gente acaba entendendo. E o que se há fazer? A gente acaba ajudando essas pessoas. Uma feirinha aqui, uma cestinha ali. Alguns

não têm nem o dinheiro para transporte. Há, inclusive, aqueles que nem podem vir para a festa.

Sobre o patrimônio do terreiro, criamos uma associação que cuida da preservação do terreiro. Tivemos, primeiro, que vencer certa resistência por parte de algumas pessoas do próprio terreiro. Até que, atualmente, há uma abertura maior. Já trabalhamos o estatuto e estamos na fase de registro. Assim também fica mais fácil para a gente levantar recursos e, para isso, é necessário que a entidade esteja legalizada.

Entrevistador – *Tendo em vista o viver e o fazer dos tempos de agora, como conciliar isso com as tradições do candomblé?*

Mãe Ilza – A gente tenta preservar as origens, os valores que fazem parte do terreiro. Tento conciliar o mundo de lá de fora com o que deve ser preservado. Hoje em dia, as coisas estão muito diferentes. Você faz uma obrigação, gasta seu tempo, vai para as águas, vai para os rios, vai para as matas, em prol da pessoa que você está preparando, passa de hora do seu lazer, de estar descansando, renuncia à convivência com seus familiares para se dedicar àquela pessoa. Depois de você queimar as pestanas, fazer tudo direito, essa pessoa passa seis meses, às vezes, quando vai muito, vai um ano, já passa para outra casa e a outra casa diz que o que você fez está errado, que é preciso desmanchar tudo, o orixá não é esse, é aquele. Aí, a pessoa já começa a se sentir mal, começa a sentir isso, sentir aquilo, interpretando como consequência do que supostamente você fez, que não está certo. Isso machuca a gente, dói. Por isso, as pessoas dirigentes do candomblé acabam todas sofrendo do coração. Quando a gente põe uma pessoa dentro da *camarinha*, a gente cuida como os filhos que a gente gerou dentro das nossas entranhas, a gente tem amor. Hoje em dia, não se tem mais resguardo nem consideração. Então, hoje é assim. Cabe a gente pedir ao nosso pai Oxalá, nosso pai maior, que tenha misericórdia dessas pessoas, e de nós, também. O que podemos fazer? Não somos a palmatória do mundo, para sair por aí, consertando tudo.

Entrevistador – *O seu terreiro contribui, de alguma forma, para com a sociedade mais ampla?*

Mãe Ilza – O nosso terreiro contribui com alguma coisa para sociedade local, mas naquilo que diz respeito ao preceito, a gente procura sempre preservar. A gente sempre está dando entrevista ou filmando. A gente já fez várias documentações, entrevistas e depoimentos. A intenção é esclarecer, pois muitas pessoas têm uma visão deturpada do candomblé. Então, a gente procura sempre dar esclarecimento, procura passar para a sociedade o que é realmente o candomblé.

Existe também outra contribuição: acolhimento de várias pessoas que chegam ao terreiro. Desde a época da minha mãe, ela sempre teve um bom relacionamento com a comunidade e a sociedade como um todo. Ela fazia várias distribuições de cestas básicas, fazia vários eventos na comunidade, colhia vários frutos na roça e distribuía para a comunidade. Moravam várias pessoas com ela. Dentro do terreiro, ela sustentou várias pessoas durante muito tempo. Isso sem falar no aconselhamento que é um dos serviços mais requisitados.

Na semana santa, e hoje a gente ainda consegue preservar, minha mãe distribuía para as pessoas, dentro do ritual da nossa casa, as oferendas que iam para mesa, para a ceia da semana santa. Ela distribuía com a comunidade daqui do bairro e esse caramanchão ficava superlotado. As pessoas vinham almoçar. Fazia comida pra todas as pessoas que chegassem. As meninas que ela criou saíram todas daqui casadas.

Desde que eu comecei a dirigir o terreiro até agora, mudou muita coisa no mundo. E no candomblé também. O candomblé está virando comércio e a gente vê isso. Mas também tem gente trabalhando pela preservação dos valores, da tradição, da religião. É preciso, no entanto, fazer encontros das pessoas de candomblé, dos filhos de santo, para a gente esclarecer. Para quando houver debates, encontros, seminários, as pessoas participem e levantem a cabeça. Não fiquem escondidas pelos cantos, com vergonha de falar em frente a pessoas formadas. Para compreenderem que formatura de colégio nunca deu o saber do candomblé a nenhum de nós.

Entrevistador – *Este terreiro tem alguma preocupação com os estudos que são feitos, atualmente, sobre o candomblé?*

Mãe Ilza – Hoje em dia, pessoas que fazem curso superior imaginam que, por isso mesmo, sabem mais do candomblé que aquelas que não fizeram universidade. Agora, existe muita gente estudando o candomblé e depois, quando chega ao terreiro, constata que não é nada daquilo que ele leu nos livros e começa a questionar com os mais-velhos. No Rio e em São Paulo, existe até uma onda de defensores do “Angola puro”. Pessoas fazem uma viagem à África e voltam tão “sabidas”, que querem consertar a religião do candomblé no Brasil. Tem gente aprendendo o candomblé na *Internet*. Tem até filhos-de-santo que aprendem na *Internet* e depois exigem de seu pai ou mãe-de-santo que façam suas obrigações, conforme viram na *Internet*. Quanto a isso, podem me chamar de cafona, atrasada, ranzinza: eu não abro mão. Sou da velha guarda e vou continuar sendo.

Minha mãe dizia e eu também falo desse jeito: quanto mais a gente ensina, mais aprende o que ensinou. Quanto mais você participa, mais aprende e se desenvolve. Eu respeito todas as religiões, porque em todas elas Deus está e eu acho que o que vale é a gente respeitar um ao outro, respeitar as diferenças de um terreiro para outro, de uma *nação* para outra, respeitar as idades, de onde as pessoas vêm, as raízes que a gente traz dos nossos antepassados.

Entrevistador – *O Tombenci Neto tem seu nome intimamente ligado ao Dilazenze. O que é o Dilazenze?*

Mãe Ilza – O Dilazenze surgiu em 1986. É um grupo formado pelos membros do terreiro, aquela geração mais jovem do terreiro que se juntou e que resolveu montar um bloco afro que tivesse uma ligação com o terreiro de candomblé; que tivesse a influência da dança, da música, do toque, enfim do terreiro de candomblé. E aí, fundamos o Dilazenze dentro do terreiro. O nome está ligado a Hipólito Rei, que se chamava Dilazenze Malungo. É uma homenagem a uma pessoa que tem uma importância muito grande na vida histórica da própria família. Foi através dele que minha família teve contato com Mãe Maçu. Desde o início, o Dilazenze tem o fundamento do próprio terreiro. Todos os fundadores dele receberam obrigações, foram preparados

para isso. Temos uma diretoria, registro civil e passou por todos os trâmites burocráticos para seu funcionamento. Eu estou na frente do Dilazenze há 20 anos.

Uma de nossas preocupações iniciais foi fazer um levantamento histórico do Tombenci e formamos um grupo que chamamos “grupo de pesquisa”. Resolvemos fazer um levantamento sobre a própria história do Tombenci, em Salvador, e começamos a buscar essas informações, essas histórias, promover debates, seminários e trazer pessoas que pudessem ajudar nas informações que nós estávamos procurando. Começamos também a fazer um trabalho de preservação das danças, dos toques da *nação* Angola, além de também pesquisar outras *nações*. Então, através do nosso grupo de dança, vamos recuperando danças dos orixás, ritmos e indumentárias. Isso serviu para firmar a imagem do Dilazenze como um grupo ligado a terreiro de candomblé.

Entrevistador – *Além do Dilazenze, o Tombenci desenvolve outras propostas sócio-culturais?*

Mãe Ilza – Estamos desenvolvendo, há seis anos, o projeto Batukerê, no qual nós trabalhamos com crianças e adolescentes da comunidade externa. Não é necessário que as crianças estejam ligadas ao terreiro de candomblé. Mas, naturalmente, eles vêm ao terreiro, assistem às festas, tocam no terreiro. Outras meninas já dançam na roda do terreiro. Então eles se identificam com o que é trabalhado. Isso, de alguma forma, seria um trabalho para ajudar na própria preservação do terreiro.

Entrevistador – *O Dilazenze e o Batukerê são dois grupos de participantes do terreiro?*

Mãe Ilza – O terreiro passou um bom período sem fazer suas festas públicas, porque estava em reforma. Passaram-se muitos anos sem atividades públicas. Então, quando o terreiro retomou suas atividades públicas, recomeçou também com uma preocupação social, com um trabalho comprometido com o social. E uma das propostas era exatamente essa: trabalhar com menores, através do Projeto Batukerê, e com os adolescentes e maiores, através do Dilazenze. Hoje, vemos que a gente está no caminho certo. Algumas pessoas se confundem e questionam se nós somos o Dilazenze ou se somos integrantes de um terreiro. Tudo isso é resultante de uma falta de costume na nossa terra de o terreiro de candomblé de Angola se comprometer com o social de uma maneira tão forte.

Para alguém participar do Dilazenze não implica que tenha que pertencer ao terreiro. Isso nós deixamos bem claro: basta a pessoa ter vontade de participar. Participar do Batukerê também é da mesma forma. São crianças daqui, da comunidade externa. Muitas têm alguma ligação com o terreiro: a mãe, o pai, um parente, um conhecido pertencem ao terreiro. É a questão política do terreiro: não deixar morrer a continuação dele. Interessante isso. No início, alguns mais velhos do terreiro criticavam. Eu enfrentei muita barra com alguns mais velhos que não aceitavam a idéia de um conjunto de dança estar ligado ao terreiro. Mas conseguimos conquistar a compreensão e o respeito desses mais-velhos pelo que nós fazemos na área do social e do cultural. Havia uma eterna reclamação: “Esses meninos não podem fazer isso, não podem fazer aquilo.” Hoje, pelo contrário, eles já estão abertos. Quando

acontece alguma inovação no terreiro, apesar de eu ser uma pessoa da geração recente, os mais velhos, do tempo de Mãe Roxa, já têm certo respeito por mim, pelo que eu faço e pelas atividades sócio-culturais que eu coordeno ou dirijo de dentro do terreiro.